

# PURGATÓRIO E ORAÇÃO PELOS DEFUNTOS (John O' Brien)

Extrato do livrinho,

*As almas do Purgatório disseram-me ...*,

CIDADE DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA, pp. 111-137

Apartado 86 – 2496-908 FÁTIMA (2 euros)

## **Porque rezar pelos defuntos?**

Porque rezam os católicos pelos mortos? É uma pergunta que fazem muitas vezes os não católicos. Como o costume de rezar pelos defuntos se baseia na crença no Purgatório, suprimida pelos reformadores do séc XVI e é praticamente desconhecido pelos seus discípulos atuais, estes têm naturalmente dificuldade em saber como devem compreender o costume católico de rezar pelos irmãos defuntos. A Igreja mostra aos seus filhos este exercício de piedade, permitindo a todos os sacerdotes que celebrem três missas pelos defuntos em 2 de Novembro. E também consagra o mês de Novembro inteiro a orações especiais pelas almas do Purgatório.

Convidamos os nossos leitores não católicos a examinarem connosco como esses exercícios de piedade pelos defuntos se fundamentam na Sagrada Escritura, na Tradição e na razão.

## **Purgatório e oração pelos mortos**

A Sagrada Escritura convida-nos, durante a nossa vida, a recorrermos à intercessão dos santos e dos anjos e a orarmos uns pelos outros, não só pelos vivos, mas também pelas almas dos nossos irmãos defuntos.

Conta o segundo Livro de Macabeus que Judas, vencedor de Górgias, com os seus companheiros, enterrou os judeus caídos em combate e fez, entre todos os seus homens, uma colecta que rendeu 2000 dracmas de prata. Enviou esta soma para Jerusalém para oferecer um sacrifício pelos pecados deles. Não considerava graves os pecados deles porque, diz o texto, “ele pensava que, àqueles que tinham adormecido piedosamente, estava reservada a mais bela recompensa”. O autor sagrado tira o ensinamento contido nesta atitude: “Santo e piedoso pensamento! Ele ofereceu esse sacrifício expiatório pelos que haviam morrido; a fim de que fossem

absolvidos do seu pecado” (2Mc 12, 43-46).

Embora os nossos irmãos separados não considerem como inspirados os livros dos Macabeus, devem pelo menos admitir que são documentos históricos autênticos que atestam a fé dos judeus dois séculos antes de Jesus Cristo. Com efeito, assentam na mesma autoridade que Isaías, S. João e os outros livros sagrados: o ensinamento infalível da Igreja que declara inspirados os livros da Bíblia.

O nosso Salvador fala do perdão dos pecados “no mundo que há-de vir” (Mt 12, 32). Segundo Santo Agostinho e S. Gregório o grande, esta passagem refere-se ao Purgatório.

Na epístola aos coríntios, S. Paulo escreve: “... a obra de cada um será posta em evidência. O Dia tomá-la-á conhecida pois ele se manifestará pelo fogo e o fogo provará o que vale a obra de cada um. Se a obra construída sobre o fundamento subsistir (quer dizer, se as obras de alguém são boas), o operário receberá uma recompensa. Aquele, porém, cuja obra for queimada (quer dizer, se as suas obras são defeituosas e imperfeitas), perderá a recompensa. Ele mesmo, entretanto, será salvo, mas como que através do fogo.”(1Cor 3, 13-15).

Por estas palavras S. Paulo diz-nos que a alma deste homem será no fim salva, embora tenha de sujeitar-se, por algum tempo, às chamas do fogo purificador (purgatório).

É esta a exegese unânime dos primeiros Padres da Igreja; é esta a tradição constante de séculos, que nos fala dos túmulos dos mártires e das catacumbas onde estão sepultados os corpos dos primeiros cristãos. O autor viu, nas catacumbas de S. Calisto, às portas de Roma, muitas inscrições que eram um eco das últimas palavras dos cristãos moribundos: “Nas vossas orações pensai em nós que vos precedemos”; “Que a luz eterna brilhe sobre ti em Cristo”, era a resposta — e a oração — dos sobreviventes. Encontramos também estas inscrições nos monumentos funerários de numerosos cristãos dos três primeiros séculos.

Citam-se frequentemente os Padres da Igreja do Oriente e do Ocidente a propósito do costume de orar pelos defuntos. Tertuliano (+ 160, +240) fala em duas passagens diferentes, das missas de aniversário: “Nós oferecemos todos os anos, em dia determinado, o sacrifício pelos mortos como pelo dia do seu nascimento” e “A viúva crente reza pela alma do seu esposo, reza por ele que está no repouso esperando, para que tenha parte na primeira ressurreição, e oferece por ele as suas orações no aniversário da sua morte”.

Na sua oração fúnebre pelo imperador Teodósio, S. Ambrósio, bispo de Milão, diz: “Dá ao Teu servo Teodósio o repouso perfeito, esse repouso que Tu preparaste para os santos... Eu amei-o; por isso quero segui-lo na terra dos vivos. Não o abandonarei até que o chame na santa montanha de Deus”.

Um dos relatos mais tocantes que nos foram transmitidos sobre este assunto nos escritos dos Padres da Igreja, vem-nos de S. Agostinho, no princípio do séc V. O sábio bispo conta que sua mãe, chegada a hora da morte, lhe fez este último pedido: “Sepulta o meu corpo em qualquer lugar, não importa onde; não te preocupes com ele. Mas peço-te somente que, onde quer que estejas, te lembres de mim no altar do Senhor”. A lembrança deste pedido inspirou ao filho esta ardente prece: “Por isso Te imploro, ó Deus do meu coração, pelos pecados da minha mãe. Que ela repouse em paz com o seu marido... E inspira, Senhor, aos teus servos meus irmãos, que eu sirvo pela palavra, pelo coração e pela escrita, a todos os que lerem estas linhas, que lembrem no Teu altar, a Tua serva Mónica”. Encontramos aqui o eco do uso geral na Igreja primitiva, de rezar pelos defuntos e da crença num estado chamado purgatório (fogo purificador).

O hábito de oferecer orações e sacrifícios pela alma dos parentes defuntos estava já profundamente enraizado no antigo judaísmo. Conservou-se até aos nossos dias apesar das migrações e da dispersão por todo o mundo. Há alguns anos, o autor viu um grande número de judeus rezar pelos seus defuntos em Jerusalém, no muro das lamentações.

Um livro de orações, de uso generalizado entre os judeus da América, contem a seguinte fórmula de oração para as cerimónias fúnebres: “Irmão desaparecido, possas tu encontrar as portas do céu abertas e ver a cidade da paz e o lugar de delícias da segurança; que os anjos venham apressadamente ao teu encontro para te servir; que o Sumo Sacerdote se apreste a acolher-te. Vai até ao fim; repousa em paz e ressuscita para a vida. Que a estadia no lugar de delícias do céu seja o quinhão, a morada e o lugar de repouso da alma do nosso irmão defunto; que o Espírito do Senhor o conduza ao paraíso, a este irmão que saiu deste mundo por vontade de Deus, Senhor do céu e da terra. Que o grande Rei dos Reis, na Sua misericórdia infinita, o esconda à sombra das suas asas. Que o desperte no fim dos seus dias e o sacie na torrente das Suas delícias”.

De facto, nota o padre B. L. Conway, é singular que os reformistas tenham afastado tão unanimemente, uma tal quantidade de testemunhos sobre o Purgatório e a intercessão pelos mortos, contida na Sagrada Escritura e na Tradição. Mas, no Evangelho de Cristo os ensinamentos estão tão ligados uns aos outros que a negação de um dogma fundamental acarreta logicamente a de muitos outros. A opinião errónea de Lutero a respeito da justificação pela fé, levou-o a negar a diferença entre pecado mortal e pecado venial (quanto aos castigos temporais), a necessidade de boas obras, a eficácia das indulgências e a utilidade da oração pelos mortos. Se os pecados não são perdoados, mas simplesmente “cobertos”; se o “homem novo” do Evangelho é o Cristo que imputa a Sua justiça ao homem pecador, seria de facto insensato “rezar pelos mortos para que sejam libertados dos seus pecados”. A negação do Purgatório por Lutero tem como consequência, ou a doutrina que ensina que a maior parte dos cristãos

piedosos são condenados (o que até certo ponto explica a negação moderna da eternidade das penas), ou a suposição que garante que Deus, no momento da morte, purifica a alma por uma súbita mudança mágica.

Embora a palavra “purgatório” não se encontre na Sagrada Escritura, o Antigo e o Novo Testamento, como os escritos dos Padres da Igreja do Oriente e do Ocidente, fazem alusão à realidade que ele designa simbolicamente, uma vez que a crença na eficácia da oração pelos mortos não teria nem sentido, nem significado se o Purgatório não existisse.

### **A razão exige o Purgatório**

À falta de provas que nos dão a Sagrada Escritura e a Tradição, a razão faria por si só supor a existência de um estado intermediário entre o céu e o inferno; até a exigiria. Do facto de “nada sujo poder entrar no céu”, resulta que uma alma que sai desta vida com um pecado venial, ou uma pena não expiada, não poderia entrar no céu. Também não poderia, em justiça, ser enviada para um inferno que dura para sempre, porque não haveria nenhuma proporção entre uma tal punição e a falta cometida.

É provável que um número muito grande de seres humanos morram com faltas veniais. Eles não são dignos de entrar imediatamente no céu, mas não podem também, em justiça, ser condenados ao inferno. Deve, portanto, haver um outro estado em que a pena é proporcional à falta. É o que reclama a simples razão. Esse estado, que a própria razão exige, é o Purgatório onde as almas são purificadas das suas imperfeições e assim preparadas para aceder à sublime presença do seu Criador e Senhor, à felicidade inexprimível do céu.

Não só o hábito de rezar pelos defuntos está em harmonia com a Sagrada Escritura, mas também o nosso instinto natural nos impele a isso. A doutrina da comunhão dos santos sublinha a solidariedade social e espiritual do género humano, ensinando-nos claramente de que maneira podemos ajudar-nos uns aos outros nas nossas necessidades. Ela contribui muito para tirar à morte o seu carácter aterrador.

Negando esta doutrina, os reformadores do séc. XVI, não só violaram a Sagrada Escritura e a uma tradição ininterrupta de quinze séculos na Igreja Cristã, mas também violentaram e perturbaram o nosso instinto natural e os desejos do nosso coração. Cortaram as ternas ligações que unem a terra com o céu, a alma na carne com a alma liberta do seu invólucro terrestre.

Se posso rezar pelo meu irmão enquanto está na terra, porque não posso rezar por ele quando franqueou o limiar da eternidade? Ao destruir o corpo, a morte não deixa a alma intacta? Esta alma não continua, portanto, a viver, a pensar, a recordar, a amar? Porque motivo terrestre não deveria eu pensar no meu irmão e continuar a provar-lhe o meu amor, não por lágrimas inúteis, mas pelo meio muito eficaz da minha oração por ele? Onde

encontraríamos um cristão que pudesse ficar de pé, junto da tumba aberta a que vê descer o cadáver de um ser amado ao lugar do seu último repouso, sem levantar ao céu os olhos vermelhos de lágrimas e fazer esta oração: “Ó Deus, tem piedade da alma do meu querido defunto”.

Apesar do silêncio da sua religião acerca da eficácia das orações pelos mortos, o protestante presta atenção à voz do seu coração e à da linguagem universal do amor e da simpatia que todos os homens entendem. Dos lábios mudos do seu amigo defunto, ouviu esta mesma súplica que Job, na sua infelicidade, dirigia aos amigos: “Tende piedade de mim, tende piedade de mim, ao menos vós que sois meus amigos, porque a mão do Senhor me feriu”. O facto de nenhum ouvido ficar surdo a um tal pedido é a prova de que o coração humano não deixou que o preconceito religioso lhe arrancasse o amor e a simpatia. Das almas que passaram o limiar da morte, entraram na eternidade, e do Purgatório nos pedem que as lembremos nas nossas orações, nós podemos dizer com toda a verdade: “Já não podemos tocá-las com as nossas mãos, os nossos olhos não poderiam vê-las, mas, graças a Deus, o nosso amor e as nossas orações podem sempre alcançá-las”.

Após cerca de 50 anos de experiência no ministério pastoral, o cardeal Gibbons conta um facto que nos esclarece sobre este ponto: “Vi uma jovem atarefar-se, cheia de bondade, à volta de um pai doente, ternamente amado. Durante longos dias cheios de angústia e noites sem sono, ela velou junto do leito do doente, humedecendo-lhe os lábios secos, refrescando-lhe a testa ardente, ajeitando-lhe na almofada a cabeça que descaía. Toda a melhora e agravamento do estado do doente eram para o seu coração um raio de sol ou uma sombria nuvem de tristeza. O amor filial era o grande impulsor de toda a sua actividade.

O pai morreu; ela acompanhou ao cemitério o seu despojo mortal. Não era católica; mas enquanto ali estava de pé junto do caixão, rompendo as cadeias com que um cruel preconceito religioso tinha fechado o seu coração, ela elevou-se acima da sua seita e gritou: “Senhor, tem piedade da sua alma!” Era a voz da natureza e da religião.

Tennyson reflecte também a tradição cristã e o desejo natural do coração do homem, quando põe na boca do seu herói, o rei Artur moribundo, estas palavras dirigidas ao seu irmão de armas que lhe sobreviveu: “Vivi; o que fiz, que Ele o torne puro pela Sua bondade. Mas tu, se nunca mais vires o meu rosto, reza por mim. A oração pode fazer mais que o sonho deste mundo. Por isso, noite e dia, faz subir a voz como uma nascente”.

### **Um ensinamento que nos convém**

Quando John Stoddart, depois de ter gozado a segura luz da verdade religiosa, tateava nas brumas da dúvida, recebeu de um amigo católico uma

carta que lhe chamou a atenção para a beleza do ensinamento da Igreja e sua harmonia com a razão. Esta carta, que Stoddart dizia ter sido para si uma fonte de luz e de reconforto, apresenta a questão do Purgatório com uma admirável clareza: “Não há nenhum sistema religioso da antiguidade onde não se encontre algo de semelhante (ao Purgatório). Estava reservada aos reformadores do séc XVI a rejeição deste antigo dogma da Igreja. Quando eles negaram a santidade da missa e de numerosos outros caracteres sacramentais do catolicismo, desapareceu também a doutrina do Purgatório. Se as almas dos mortos passam imediata e eternamente, a um estado sem mudança que não está ao alcance da nossa intercessão, todas as nossas relíquias, as nossas orações, todas as nossas outras práticas análogas são vãs. Mas se cremos na comunhão dos santos, quer dizer, na união entre a tripla Igreja: militante desta terra, sofredora do Purgatório e triunfante do Céu, então podemos ter influência sobre as almas que já franquearam o limiar e elas podem tê-la sobre nós.

São muito raros os que deixam esta vida num perfeito estado de graça que lhes assegure a entrada imediata no céu. E esperamos que mais raras ainda sejam aquelas a quem o bendito refúgio do Purgatório está vedado. Não consigo imaginar como os protestantes podem acreditar naquilo. Não é de espantar que a negação do Purgatório tenha tido como consequência, para muitos, deixarem de acreditar no inferno. Esta doutrina é portanto, em si mesma, monstruosa.

Todos os dogmas católicos são dependentes uns dos outros: aguentam ou caiem todos juntos, não se pode retirar uma pedra a uma abóbada, sem que ela desmorone. O Purgatório é uma das ideias mais humanas e mais belas que se possam conceber. Quantos corações aflitos de mães ela acalmou e consolou, dando-lhes esperança para um filho desencaminhado!”

Depois da conversão Stoddart escreveu a história das suas divagações religiosas no livro “Rebuilding a lost Faith” (Reedificação de uma fé perdida). Nele expõe, nos seguintes termos, a conformidade deste ensinamento que tanto lhe agradava com as exigências da razão: “A doutrina da Igreja católica sobre o Purgatório, ensina que há um lugar em que as almas sofrem durante um certo tempo, antes de serem admitidas às alegrias do céu, porque devem purificar-se de certos pecados veniais, fraquezas e faltas ou porque têm ainda de expiar, pelos pecados mortais, penas temporais que ainda não expiaram, embora a pena eterna lhes tenha sido perdoada pela expiação de Cristo. De resto, a Igreja declara que pelas nossas orações e pelo santo sacrifício da missa, podemos sempre, graças aos méritos de Jesus Cristo, ajudar estas almas. Neste ponto pára o dogma definido pela Igreja. Não é artigo de fé que haja um fogo material no Purgatório.

Crê-se, geralmente, que as almas sofrem aí tormentos espirituais porque sentem, com uma intensidade que nunca teria podido existir na terra, de que perfeita felicidade estão excluídas por algum tempo, ao mesmo tempo

que têm de reconhecer a monstruosidade dos pecados que cometeram contra o Pai Celeste e seu Salvador”. -

Encontrei muitos protestantes que, embora a doutrina do Purgatório não exista na fé que professam, confessam que pensam muitas vezes nos seus queridos defuntos quando oram. Lembro-me de uma protestante piedosa que dizia que rezava todos os dias pelo filho, morto num acidente de viação alguns dias depois de terminar os seus estudos universitários. Embora ela nunca tenha lido uma única linha de Santo Agostinho, pelo desejo irresistível do seu coração e por um instinto enraizado da sua natureza humana, conhecia o ensinamento dele dizendo que “muitos daqueles que deixaram esta vida não são nem bastante maus para serem indignos de misericórdia, nem suficientemente bons para terem imediatamente direito à bem-aventurança”.

Em número crescente, os irmãos separados reconhecem quanto é razoável e autêntica a doutrina do purgatório, à luz do ensinamento de Cristo e dos Seus apóstolos.

Mallock faz notar com razão: “Reconhece-se facilmente que é a única doutrina que concilia, pelo menos até certo ponto, a fé numa recompensa futura e numa punição futura com a nossa maneira de ver acerca do que é bom e razoável. Longe de ser uma superstição supérflua, vê-se que é uma exigência da razão e da moral; e uma fé no Purgatório não é apenas uma afirmação da razão, mas uma parte harmoniosa de todo o ideal moral”.

A doutrina do Purgatório responde às exigências da razão; está em harmonia com os desejos instintivos da nossa natureza; transmite-nos o ensinamento de Cristo e Seus apóstolos.

“A obra de cada um será posta em evidência. O Dia tomá-la-á conhecida, pois ele se manifestará pelo fogo e o fogo provará o que vale a obra de cada um” (I Cor3, 13).

### **O patrono das almas do Purgatório**

Além do arcanjo 5. Miguel, o patrono das almas do purgatório é santo Odilão (962-1048) que, na juventude, renunciou a uma grande fortuna para se fazer monge. Abade de Cluny, ele foi o grande reformador e organizador do monaquismo da sua época. “Prefiro que Deus me julgue por demasiada bondade do que por demasiada severidade”, era o princípio que ele proclamava.

Durante a grande fome de 1016, mandou distribuir todas as provisões do convento; chegou a vender objectos de culto para poder dar pão. Tinha o hábito de dizer: “Se Cristo verteu o Seu sangue por nós, pobres pecadores, não devemos guardar nada para nós quando há pobres”.

Tinha um amor muito especial pela Igreja Sofredora. A ele devemos a

introdução da Comemoração dos Fiéis Defuntos (2 de Novembro).

Santa Brígida, nobre dama sueca, falecida em Roma em 1373, escreveu. “Assim como quem tem fome fica feliz por comer, quem tem sede feliz de beber, quem está nu se alegra por ter roupa e quem está doente por ter um leito onde se possa deitar, também as almas do Purgatório ficam felizes com o bem que fazemos por elas neste mundo e do qual elas aproveitam”.

Considerando que a Igreja católica, instruída pelo Espírito Santo e fundamentando-se nas sagradas Escrituras e na antiga tradição dos Padres nos concílios — incluído o recente Concílio ecuménico — ensina que o Purgatório existe e que as almas que aí estão retidas podem ser ajudadas pelos sufrágios dos fiéis e muito especialmente pelo Santo Sacrifício da Missa, o santo Concílio prescreve aos bispos que velem por que a sã doutrina do Purgatório, recebida dos Padres da Igreja e dos Concílios, seja acreditada, professada e afirmada pelos fiéis e que lhes seja pregada com zelo (Concílio de Trento, Sessão VI. Cf Denzinger 983).

Se alguém disser que, depois de ter recebido a graça da justificação, a falta e a pena são remidas ao pecador arrependido a tal ponto que não lhe fica nenhuma pena temporal neste mundo ou no Purgatório, no outro mundo, antes que lhe seja concedida a entrada no Reino dos céus, que seja anátema (Concílio de Trento, Sessão VI. Cf Denzinger 840).

### **Aparições de almas do Purgatório a Santos**

Limitamo-nos a citar alguns exemplos, para provar que também santos ilustres tiveram aparições de almas do Purgatório.

Santa Margarida Maria Alacoque (1647 — 1690) escreveu na sua autobiografia (edição de 1920, pg 98): “Estava diante do Santíssimo Sacramento e, de repente, apareceu à minha frente uma pessoa toda em fogo. O seu estado lamentável fez-me compreender claramente que se encontrava no purgatório e verti abundantes lágrimas. Disse-me que era a alma do monge beneditino que tinha ouvido a minha confissão e me tinha permitido ir comungar. Por esse motivo Deus tinha-lhe concedido o favor de poder dirigir-se-me, para que lhe adoçasse a pena. Pedi-me que oferecesse por ele, durante três meses todas as minhas obras e o meu sofrimento. No fim de três meses, vi-o inundado de alegria e de esplendor: ia gozar a felicidade eterna. Agradeceu-me dizendo que velaria por mim junto de Deus”.

S. João Bosco (1815 — 1888) perdeu em 1839 o seu mais íntimo amigo de infância, Luigi Comollo.

“Os dois amigos tinha feito a recíproca promessa, um pouco temerária, de que o primeiro que morresse viria descansar o sobrevivente sobre a sua sorte no outro mundo.



Na noite seguinte ao enterro de Luigi, sentiu-se no dormitório ocupado por vinte seminaristas, um estrondo impressionante. Brilhavam relâmpagos de fogo e depois extinguíam-se. A casa tremia. Uma voz gritou: “Estou salvo!” Os seminaristas ficaram apavorados e nenhum ousou mexer-se até despontar a aurora. Uma história incrível! Mas houve testemunhas que o viram pessoalmente” von Matt, Don Bosco, p.p. 64-65 NZN—Verlag, Zurique.

A grande Santa Gertrudes, abadessa de Hefia, autora da célebre obra “O arauto do amor divino”, falecida por volta de 1302, viu um dia a alma de um religioso defunto que lhe fez compreender, por gestos, que continuava afastada do seu divino Esposo. Gertrudes perguntou-lhe a causa. Respondeu esta alma: *“É que não estou ainda perfeitamente purificada das manchas deixadas pelos meus pecados. Se Ele me concedesse que entrasse livremente no céu, neste estado, eu não consentiria porque, por muito brilhante que pareça aos teus olhos, sei que ainda não sou uma esposa digna do meu Mestre”*.

Santa Cristina da Bélgica, pastora de Saint Trond, na diocese de Liege, foi chamada também Cristina a Admirável, tantas coisas admiráveis se contam dela, coisas admiráveis que aconteceram durante a sua vida e que as testemunhas atestam. Numa visão foi-lhe concedido contemplar o Céu e o Purgatório. Ela ouviu uma voz dizer-lhe: *“Cristina, tu estás na felicidade do Céu. Dou-te liberdade de escolher: ou morar desde hoje entre os eleitos, ou voltar alguns anos à terra para, por boas obras, ajudares as almas do Purgatório. Se escolheres a primeira alternativa ficas em segurança e não tens mais nada a temer; no outro caso voltas à terra para sofrer um verdadeiro martírio a fim de ajudares os infelizes e embelezares a tua coroa...”*

Cristina respondeu: “Senhor, deixa-me voltar e sofrer pelos defuntos; não tenho medo de nenhuma dor, de nenhuma amargura”. E ela realizou obras expiatórias extraordinárias pelas almas do Purgatório. Muitas de entre elas, entre outras a do conde Luís de Léon, apareceram-lhe em reconhecimento por tê-las libertado do purgatório.

Santa Perpétua de Cartago. No ano 202, Santa Perpétua foi atirada para a prisão em Cartago. Rezava no cárcere com quatro outros cristãos quando ouviu uma voz pronunciar o nome de Dinocrato, seu irmão defunto, em quem não tinha voltado a pensar depois da sua morte. O rapaz tinha falecido com a idade de sete anos por causa de um tumor canceroso da face. *“Chorei, conta ela, com a recordação da sua morte e compreendi que devia rezar por ele. Foi o que fiz. Na noite seguinte, tive esta visão: na minha prisão vi Dinocrato sair de um local obscuro onde se encontravam também outras pessoas. Estava afogueado, sem fôlego, e coberto de poeira. O seu rosto era macilento, poeirento e ainda sangrava da chaga que lhe tinha causado a morte: uma horrível chaga cancerosa que lhe*

*roera as bochechas a tal ponto que o seu cadáver era uma visão medonha... Havia entre nós dois uma grande distância que me impedia de ir ter com ele. Perto dele estava um tanque cheio de água, mas o bordo era demasiado alto para que ele conseguisse beber, mesmo pondo-se em bicos de pés. Emocionada por ele não poder beber, acordei e compreendi que o meu irmão ainda sofria; mas esperava poder dar-lhe alívio. Rezei por ele o tempo todo, até nos levarem para a prisão do campo, porque estávamos destinados aos jogos que deviam ser dados em honra do imperador Gete. Continuei a rezar e a suplicar noite e dia. No dia em que fomos vergastados, tive uma outra visão. O lugar escuro onde antes tinha visto Dinocrato, vi-o iluminado. O rapazinho estava vestido com um belo fato, o corpo limpo e lavado de fresco. A chaga do rosto estava curada e só se via a cicatriz. O rebordo do tanque estava tão baixo que ele podia facilmente chegar à água. No bordo havia uma taça cheia de água. Quando saciou a sede, correu a jogar longe do tanque, como fazem as crianças. Quanto a mim, acordei cheia de alegria: compreendi que ele estava livre da sua pena.*

Ana Catarina Emmerich (1774-1824). A religiosa da Wessphalia, estigmatizada célebre no mundo inteiro, cujo processo de canonização está em curso, tinha relações frequentes com as almas do Purgatório. Muitas destas pobres almas tinham permissão de lhe aparecer e pediam-lhe socorro. Acompanhada do seu Anjo da guarda ou de um santo, ela podia visitá-las e saber o que cada uma precisava: missas a que a alma não tinha assistido por negligência, ou restituição de bens indevidamente adquiridos. A alma de uma mãe pediu-lhe que tirasse do mau caminho a sua filha ainda viva; a alma de um marido desejava chamar ao bom caminho a mulher que, distraída pela sua irreflexão, não acolhia nenhum aviso interior.

Três anos e meio depois da morte apareceu-lhe a própria mãe de Ana Catarina e conduziu-a a um lugar do Purgatório onde se sofria muito, para lhe pedir ajuda para as almas que lá se encontravam. Como o laço natural de amor entre a mãe e a filha está aqui posto em destaque e iluminado duma claridade sobrenatural pelo amor das duas ao próximo que sofre!

Luísa Hensel, conhecida poetisa alemã, estava inquieta por causa de uma defunta. Ana Catarina Emmerich, sua amiga, consolou-a com estas palavras: “Acredita que não foi em vão que Cristo ficou três horas suspenso na cruz com tais sofrimentos, e de braços tão abertos. Há muitas mais almas salvas do que nós pensamos”.

Mesmo o olhar que ela lança sobre o Purgatório é consolador: é verdade que vê bem as almas em grande tristeza, mas com alguma coisa no rosto “como se elas tivessem também alegria no coração e pensassem em Deus misericordioso”.

## O Museu das almas do Purgatório em Roma

O R. R. Réginald Omes escreveu na sua obra “Pode-se entrar em comunicação com os mortos?” (Pattloch-Verlag) “Visitamos muitas vezes o célebre museu das almas do Purgatório, em Roma. Foi fundado em 1900 pelo R. P. Victor Jouet, padre do Sagrado Coração, e também fundador da revista ‘O Purgatório’.”

Este museu oferece aos visitantes uma colecção de documentos autênticos, certamente única no seu género: podem ver-se os traços de fogo deixados por almas do Purgatório em livros de orações, tal como o de Margarete Dammerle d’Erlingen; em missais; em tecidos, tal como a camisa de Joseph Leleux de Mons que tem a impressão queimada de dedos datada de 21 de Janeiro de 1789 ou ainda o capote militar, fortemente chamuscado pelo fogo, de uma sentinela italiana que, durante uma noite do ano de 1932, fazia a guarda ao Panteão, diante do cenotáfio do rei Humberto 1º (assassinado em 1900), cujo espectro pousou sobre o ombro do soldado uma mão em fogo, depois de lhe ter confiado uma mensagem para Victor Emanuel III... Também aí se pode ver uma cruz perfeitamente traçada pela extremidade de um indicador em fogo. Se admitirmos que tais marcas não são de modo algum o efeito de um acaso, ou de uma trapaça deliberada, é evidentemente bem claro que elas não puderam ser produzidas pelo “fogo” espiritual que envolve as almas do Purgatório: só podem ser explicadas por um milagre de Deus, que criou para esse efeito um elemento capaz de queimar os objectos e neles deixar os seus traços negros, símbolo da “queimadura” espiritual que sofrem as almas depois da morte, durante o seu tempo de expiação.

### Citações

Não devemos esquecer, nas nossas orações, nenhum membro do Corpo Místico de Cristo e ainda mais que todos os outros aqueles que se encontram no Purgatório.

*(Pio XII, encíclica “Mystici Corporis”)*

A caridade estende-se também aos que morreram neste amor (de Deus) porque o amor é a vida da alma, como a alma é a vida do corpo.

*(S. Tomás de Aquino)*

Como a caridade é o laço que une o conjunto dos membros da Igreja, ela estende-se tanto aos vivos como aos que morreram na caridade. Graças a este elo de caridade, as ofertas dos fiéis podem ser úteis aos defuntos.

*(Denis le Charireux)*

A ferrugem do pecado é a ganga da alma. Ela é eliminada pelo fogo do Purgatório. Quanto mais se limpa desta ganga, mais a luz do verdadeiro sol

— Deus — nela penetra. (*Santa Catarina de Génova*)

Romano Guardini escreveu um dia que haveria pouco a dizer sobre o além se a vida do homem só fosse dividida entre o bem e o mal. Mas o homem é um ser complexo em que o bem e o mal se entrelaçam tão intimamente que muitas vezes são difíceis de separar um do outro (pensemos na parábola do fermento e na do grão, no Evangelho).

O homem é a mais bela criatura de Deus. Deus chamou-o a uma união perfeita. Então, quando esta criatura aparece diante d’Ele, uma vez libertada do que é material, Ele quer vê-la perfeita, absolutamente digna do Seu amor. (*J.-M Szymusiak, s.j.*)

Acordai, vós que dormis! Rezai pelos defuntos. (apelo do guarda nocturno, antigamente, em cidades e aldeias de França).

Nós vivemos dos bens de nossos antepassados e parentes defuntos, e esquecemos facilmente o que lhes devemos, como eles desejam o nosso obrigado e quanto necessitam do nosso socorro. Eles gritam-nos: “Suporta, sofre, reza, jejua, dá esmola por nós! Oferece por nós o sacrifício da Missa!” (Ana-Catarina Emmerich, religiosa Agostinha)

Esse fogo provará a qualidade da obra de cada um. (*ICor 3,13*)

Como somos felizes por acabar a nossa vida em paz com Deus! Mas aqui, o que nos tortura, é o desejo de O ver. (*Dante, Purgatório, v 36*)

Deus não muda de natureza: Ele só pode ser santo. Mas, porque é santo, nenhuma alma pode ser feliz no céu sem ser santa. (*Cardeal Newinan*)

Se soubéssemos que poder têm no coração de Deus estas boas almas do Purgatório e se soubéssemos quantas graças podemos obter pela sua intercessão, elas não seriam tão esquecidas! É preciso pedir muito por elas, para que elas peçam muito por nós. (*S. João-Maria Vianney, cura d’Ars*)

## A Igreja sofredora do Purgatório

Carta do Papa Pio XI, 21 de Outubro de 1923

Propre Adsunt Dies

Como todos os anos eis que voltam os dias que dão um novo impulso à vida religiosa do povo cristão. Com efeito, durante estes dias de festa, a nossa Mãe Igreja apresenta como modelos aos crentes que peregrinam ainda na terra os seus irmãos, os santos, que atingiram a felicidade no céu. As cerimónias litúrgicas lembram-nos, em seguida, “*aqueles que nos precederam marcados com o sinal da fé e que dormem em paz*”, os que, antes da purificação completa do Purgatório, segundo o julgamento de Deus, estão ainda afastados desta beatitude. Não há dúvida que a Igreja age assim em perfeita harmonia com o dogma tão consolador da fé católica sobre a comunhão dos santos. Os laços estreitos que nos unem por um lado

com os bem-aventurados no céu e por outro com as almas que se purificam no Purgatório, acarretam-nos dois deveres: com os eleitos, rejubilamos pela sua entrada na beatitude celeste e pedimos-lhes que nos protejam e nos ajudem a viver uma verdadeira vida cristã; às almas do Purgatório *“levamos o alívio pela nossa oração de intercessão, sobretudo pelo santo sacrifício da missa”*. Esta obra de misericórdia é particularmente agradável aos santos; na perfeição do seu amor, eles alegram-se por verem aumentar, graças à nossa ajuda, o número dos que partilham a sua bem-aventurança eterna e cantam a bondade e a misericórdia de Deus.

Para um coração normal é quase impossível que a compaixão humana com a sorte dos defuntos desapareça completamente. No entanto, podemos constatar que para a maior parte das pessoas, a recordação dos defuntos, pouco a pouco, esbate-se e até mesmo se extingue; ou então esgota-se em homenagens e testemunhos de afeição que são louváveis, mas que contribuem menos para ajudar as almas do Purgatório do que para consolar os que ficam. Como o nosso dever, enquanto pai comum dos fiéis, nos impede de excluir a nossa solicitude a quem quer que esteja entre os que nos deixaram, o nosso coração volta-se muito naturalmente, a alguns dias do dia da comemoração dos fiéis defuntos, para a imensa multidão dos nossos filhos que caíram na última guerra mundial, para os que morreram devido a doenças ou ferimentos, assim como pelas vítimas das guerras civis e dos tumultos do pós-guerra. Sim, a recordação desses mortos enche o nosso coração de uma tristeza particularmente dolorosa e temos razões para temer que, por causa da negligência dos seus próximos, eles sejam privados do *socorro amoroso da sua oração e intercessão*. Que dizer ainda das numerosas vítimas dessa imensa catástrofe que, desde o berço, não conheceram os carinhos nem o sorriso de uma mãe? Esses órfãos sem amor, sem casa, que não têm ninguém para os chorar e os recomendar à misericórdia do Pai que está nos céus!

Os defuntos que adormeceram no Senhor e que agora estão livres de toda a hostilidade e de toda a divisão, alegram-se agora e para sempre da sua união estreita com Jesus Cristo, pelo Seu amor e Sua graça, até ao dia em que poderão ter parte na glória eterna prometida a todos os filhos de Deus, *de todas as tribos, línguas, povos e nações* (Ap 14,6; 7,9). Do mesmo modo também nós queremos que as orações e os sacrifícios dos fiéis, para além das diferenças de nacionalidade e de opiniões, sejam oferecidos a Deus em favor de todos os defuntos sem exceção, por todos os que foram vítimas dos acontecimentos que acabamos de mencionar.

Esta comunidade universal de oração poderá por um lado apressar o acesso destes filhos bem-amados à visão beatífica, e por outro lado enraizar mais o coração dos fiéis no *amor; que é o vínculo da perfeição*. A paz de Cristo poderá assim tomar-se realidade pelo estabelecimento do Reino e irradiar em todo o mundo.

Por isso o nosso voto mais caro, venerável irmão, é que, na ocasião da próxima festa de Todos os Santos, da comemoração dos fiéis defuntos e durante todo o mês de Novembro, se organize na cidade de Roma uma vasta campanha de orações e de sacrifícios pelas intenções que acabamos de evocar. Temos também a firme esperança que o exemplo dos fiéis de Roma será um poderoso estímulo para toda a Igreja católica. Nesta esperança, que é para o nosso coração um grande consolo, conceder-vos de todo o coração, venerável irmão, assim como ao clero e aos fiéis de Roma, como penhor da graça divina e em testemunho do nosso amor paternal, a bênção apostólica.

Dado em Roma, junto de S. Pedro, em 21 de Outubro de 1923, no segundo ano do nosso pontificado. Pio XI, Papa

### **Testemunho de um Franciscano**

O meu irmão mais velho era um homem de carácter ligeiro e o meu pai era muito severo. Depois da morte do meu pai, o meu irmão disse-me um dia: “Não mandarei dizer missas por meu pai. Se estiver no céu, não precisa delas. Se estiver no inferno, as missas de nada lhe servirão. E se estiver no Purgatório que fique lá porque bem o mereceu...”

Há alguns anos o meu irmão também morreu. Uma noite vi-o em sonho e disse-me que não precisava de rezar por ele. As minhas orações seriam úteis para outras almas, mas não para ele, porque tinha de sofrer o castigo dos seus pecados. Reflecti longamente no que ele me tinha dito, até ao dia em que me lembrei desta palavra do Senhor: “...com a medida com que medirdes sereis medidos” (Mt 7, 2). (Padre Gilbert, Convento de Santo António — Rio de Janeiro Carta de 19 de Novembro de 1995)

### **A bem-aventurada Ana Maria Taigi (1769-1837)**

Mãe de muitos filhos, ela foi a alma apaziguadora da sua família levando uma vida de oração mística no meio da agitação da grande cidade de Roma. Teve um grande papel na sua vida uma espécie de sol místico, semelhante à “luz viva” de santa Hildegarda. Nesta luz, ela podia conhecer a situação espiritual de outras pessoas, vivas ou defuntas, assim como os acontecimentos da política mundiais contemporâneos e futuros. Ficou especialmente impressionada com a visão de uma obscuridade que virá no fim do mundo.

#### *O amor às almas do Purgatório*

As almas sofredoras pediam-lhe, por vezes com insistência, que rezasse por elas, mas a libertação dessas almas causava-lhe sofrimentos de um contínuo purgatório. Por amor destas almas, ela arrastava-se penosamente até ao cemitério. Fazia as suas visitas ao cemitério 40 dias seguidos, em qualquer

estação, sempre descalça, apesar do sol, da chuva, do frio, e da sujidade; em cada sepultura rezava ‘três Requiem e uma oração’... Pedia especialmente pelas almas dos padres defuntos, sentiu uma dor indizível. Mons. Pedicini celebrou em seguida uma segunda missa. Ao Glória, a bem-aventurada viu a alma liberta entrar no céu, e com esta visão ela creu morrer de êxtase. Recomendava às almas libertadas as intenções da Igreja, e do Papa em particular, a quem chamava “o Cristo na terra”, como Santa Catarina de Sena.

*Ana descobria tudo nele (na luz do sol místico)*

— *A sorte dos defuntos*

A bem-aventurada via no sol a sorte das almas dos defuntos, a duração e a causa dos seus sofrimentos expiatórios.

Nunca dizia o nome das almas condenadas. A Mons. Natali, que lhe dizia que as almas dos danados não têm direito ao amor, ela respondia: “Mas os seus parentes e amigos que ainda estão na terra, têm o direito de ser amados”.

Alguns exemplos: ela viu um padre seu conhecido que tinha sido salvo porque se dominara por causa de um mendigo que o importunava. Foi um acto de virtude que lhe proporcionou outras graças e outras obras meritórias.

Viu também um homem da Igreja que tinha sido muito estimado pela sua diligência, as suas homilias, e o seu zelo apostólico, mas que sofria no Purgatório porque, quando pregava se preocupava mais com o seu renome do que com a glória de Deus.

E ainda uma amiga, que tinha iluminações sobrenaturais, mas que estava no Purgatório porque não tinha guardado silêncio sobre as graças que tinha recebido.

Dois religiosos amigos estavam no Purgatório; um tinha morrido em odor de santidade, o outro com a reputação de um director de consciência altamente estimado. O primeiro tinha dado demasiada importância ao seu próprio julgamento; o segundo tinha sido muito distraído no exercício do seu cargo.

O conde X..., morto apenas dois dias antes, foi salvo apesar da sua vida dissoluta porque tinha perdoado a um inimigo. Mas ainda tinha de continuar no Purgatório tantos anos como os que tinha passado nas vaidades do mundo. Um leigo, aluno de Ana, morto com reputação de grande virtude, foi condenado a uma dura expiação porque tinha adulado personalidades oficiais.

À morte de Leão XII, ela viu os preparativos do seu catafalco; alguns anos depois viu a alma dele como um rubi ainda não purificado pelo fogo. Aquando do serviço fúnebre celebrado pelo rico cardeal Dona, viu que

centenas de missas que ele tinha mandado celebrar, não dariam nenhuma ajuda à sua alma. Serviriam primeiro para os pobres. Ele só receberia ajuda mais tarde. A exemplo de Catarina de Sena ou dos pintores da Idade Média, a bem-aventurada não lisonjeava os grandes deste mundo.

Pelo contrário viu a alma de um irmão capuchinho, Félix de Montefiascone, subir directamente ao céu, bem como a de um outro irmão leigo franciscano, de um noviço jesuíta e de dois padres missionários.

Um dia, quando Ana se confessava com um padre Trinitário, o P. Ferdinand, ela disse-lhe : “O P. Geral dos Trinitários foi massacrado com o seu companheiro, por soldados franceses em Espanha”. Ela descreveu os maus tratos que sofreram. As suas almas de mártires tinham subido ao céu. Um mês mais tarde, cartas de Espanha anunciavam a morte dos dois Trinitários, como Ana tinha descrito.

Muitas vezes as suas visões eram menos consoladoras. “Há tantas almas para consolar! Para os especuladores e os aproveitadores, é muito difícil atingir a salvação”.

Esta verdade continua sendo válida.

(Citado de Albert Bessiêres S. J., Ana Maria Taigi, Seherin und Prophetin, 4 Auflage, ChristianaVerlag, CH- 8260 Stein am Rhein/Suíça.)